

DO AUTOR DE «O JOGO DO MUNDO (RAQUEL)»

**JULIO  
CORTÁZAR**

*Papéis Inesperados*

ESCRITOS INÉDITOS



cavalos de ferro

**JULIO CORTÁZAR**  
**PAPÉIS INESPERADOS**  
Escritos inéditos

Edição preparada por  
Aurora Bernárdez  
e Carles Álvarez Garriga

Tradução  
Sofia Castro Rodrigues  
Virgílio Tenreiro Viseu



cavalo de ferro

**Título original:** Papeles Inesperados

© Heirs of Julio Cortázar, 2009

© Aurora Bernárdez, 2009

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em território português

**Revisão:** Maria Aida Moura

**Paginação:** Finepaper

1.ª edição, Julho de 2010

ISBN: 978-989-623-123-1

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,  
sugerimos que visite o nosso site: **[www.cavalodeferro.com](http://www.cavalodeferro.com)**

# ÍNDICE

Prólogo de Carles Álvarez Garriga .....	11
---	----

## PROSAS

### HISTÓRIAS

A adaga e a flor-de-lis. Notas para um memorial .....	26
Relato com um fundo de água.....	35
Os gatos .....	45
Manuscrito encontrado ao lado de uma mão .....	76
Teoria do caranguejo .....	83
<i>Ciao</i> , Verona .....	84
Potássio em diminuição .....	106
Peripécias da água .....	110
Em Matilde .....	111
A fé no Terceiro Mundo .....	113
Sequências .....	114

### HISTÓRIAS DE CRONÓPIOS

Vialidade .....	116
Almoços .....	117
Never stop the press .....	118

### DE *LIBRO DE MANUEL*

A certa altura lembrámo-nos... ..	119
-----------------------------------	-----

## DE UM TAL LUCAS

Hospital Blues .....	124
Lucas, as cartas que recebe .....	134
Lucas, as suas descobertas azarosas .....	135
Lucas, as suas erratas .....	136
Lucas, as suas experiências cabalísticas .....	139
Lucas, as suas hipnofobias .....	141
Lucas, os seus furacões .....	143
Lucas, as suas palavras moribundas .....	145
Lucas, os seus poemas escritos na Unesco .....	147
Lucas, as suas relações sociais .....	149
Lucas, os seus papelinhos soltos .....	150

## MOMENTOS

Discurso do Dia da Independência .....	152
Para as <i>Kinderszenen</i> de Robert Schumann .....	156
Essência e missão do professor .....	159
So shine, shine, shoe-shine boy .....	164
Um capítulo suprimido de <i>Rayuela</i> .....	168
Acerca de <i>Rayuela</i> .....	170
Um cronópio no México .....	172
Paris, último primeiro encontro .....	188
A tosse de uma senhora alemã .....	193
Um sonho realizado .....	196
A favor do bilinguismo .....	200
Desculpem se leio estas palavras... ..	203
Na hora de reunir a totalidade dos meus relatos para esta edição... ..	205
De uma infância medrosa .....	208
O outro Narciso .....	211
Monólogo do peão .....	213
Monkey Business .....	217

## CIRCUNSTÂNCIAS

Resposta a um questionário .....	220
Aquilo que se segue baseia-se numa série de perguntas que Rita Guibert me colocou por escrito... ..	223
O criador e a formação do público .....	248
A dinâmica do 11 de Março .....	261
Introdução a uma antologia de prosa latino-americana .....	265
Violação de direitos culturais .....	267
Chile: outra versão do inferno .....	271
Três notas complementares .....	280
Novo itinerário cubano .....	284
Um brinde, o copo erguido .....	305
Alguém bate à porta .....	310
Acerca das colaborações especiais .....	314
Resposta a uma carta .....	317
Ao general não lhe agradam os congressos .....	321
Ajudar a estender pontes .....	325
Se me falassem de El Salvador... ..	330
Polónia e El Salvador: maiúsculas e minúsculas .....	333
À <i>Veja</i> interessa saber... ..	338
Diálogos em Manágua .....	341
Minidiário .....	344

## DOS AMIGOS

O estranho caso criminoso da rua Ocampo .....	350
No amor qualquer monólogo se nega a si próprio... ..	368
Alto fanal presente .....	369
Para apresentar Susana Rinaldi .....	371
Para uma imagem de Cley .....	374
Carta de amigo .....	381
Desde o outro lado .....	383
O fogo destruiu o estúdio onde Leopoldo e Susana Novoa... ..	386

De uma amizade .....	387
Em defesa de Ángel Rama .....	390

### OUTROS TERRITÓRIOS

Otano. 1949 .....	396
Em baixo está o mocho... .....	397
Torres Agüero .....	399
Opiniões pertinentes .....	401
Luz negra .....	403
Depois há que chegar .....	405
Para uma crucificação de cabeça para baixo .....	410
Viagem a um tempo plural .....	414
Baixo nível .....	417
Janelas para o insólito .....	425
De trufas e toupeiras .....	431

### FUNDOS DE GAVETA

Ordem do dia .....	434
The Simple Lover .....	435
Doctor Livingstone, I presume .....	436
Billet doux .....	438
Num copo de água fria ou, de preferência, temperada .....	439
O que é que fazemos com o pobre senhor Spenalzo? .....	440
Em auxílio das frases feitas .....	441
Há algum tempo que eu estava a senti-lo... .....	443
A lenta deslocação das constelações sobre a tua pele .....	444

### ENTREVISTAS EM FRENTE AO ESPELHO

Arnaldo: Aqui tens o texto de que necessitavas para pré-anunciar o livro... .....	447
Estamos como queremos ou os monstros em acção .....	452

Como já tinha feito noutra ocasião, Julio Cortázar...	466
Entrevista em frente a um espelho	473

## POEMAS

A mosca	481
A cidade	482
Os dias	483
A pátria	484
Os dias vão	485
Meu sofrimento duplicado...	486
Via Appia Antica	487
Blues for Maggie	488
Actividades variadas	489
As boas consciências	490
Prelúdio de um texto em prosa	492
Aquilo que eu gosto do teu corpo...	493
Vielá	493
Bibliografia de Julio Cortázar	495



## PRÓLOGO<sup>1</sup>

*Para Lluís Izquierdo, Jaime Alazraki  
e Jean Andreu, mestres guarda-linhas.*

No conto que dá o título ao seu primeiro livro, «Obras completas», Augusto Monterroso relata a história de um tal professor Fombona, autor de traduções, monografias, prólogos e conferências de escasso valor, que conhece o grande poeta em botão Feijoo e dedica anos de magistério à sua corrupção — ou embalsamamento — até que o rapaz deixa de escrever versos e fica reduzido à frequência de alguns condiscípulos para os quais a descoberta de uma simples errata acrescenta «a fé na importância do seu trabalho, na cultura, no destino da humanidade». Nos parágrafos finais, a erudita tertúlia recebe a visita do grande hispanista Marcel Bataillon, e o outrora criador, a sua vida já canalizada para o estudo «num mar de papéis e notas e provas tipográficas», tolera ser apresentado perante o sábio como especialista e preparador de umas obras completas de Unamuno em edição crítica. «Feijoo apertou-lhe a mão e disse duas ou três palavras que quase não se ouviram, mas que significavam que sim, que muito gosto, enquanto Fombona cumprimentava de longe alguém ou procurava um fósforo ou alguma coisa.»

A moral da história, piada sobre a importância de compiladores e editores que foi lida por Cortázar entre gargalhadas, é oportuna na altura de escrever um prólogo que explique como é possível que, duas décadas e meia depois da morte do autor, apareça uma miscelânea de inéditos com quatrocentas e cinquenta páginas!

Cortázar escreveu num prólogo, sem recordar o autor da citação (era Dino Segre, *Pitigrilli*), que o prefácio é aquilo que o autor

---

<sup>1</sup> No final do presente volume, com o objectivo de guiar o leitor português pela bibliografia de Julio Cortázar, publicou-se a lista das principais obras de ficção do autor. (N. do E.)

## JULIO CORTÁZAR

escreve depois, o editor publica antes e os leitores não lêem nem antes nem depois; ainda assim, ou talvez por isso mesmo, este é um bom lugar para explicar de que modo surgem as inesperadas quatrocentas e cinquenta páginas seguintes: A atenção a funcionar como um pára-raios? Um mistério como o da carta roubada?

### *Um mistério como o da carta roubada*

A trajetória de Julio Cortázar como escritor e a sua projecção como personagem pública ilustram muitos aspectos da consolidação de um mercado literário «global» no século xx. Com poucos e muito fiéis leitores até à aparição de *Rayuela* em 1963, o início do enorme êxito do romance coincidiu com o convite oficial que o governo cubano lhe dirigiu para participar no júri do Prémio Casa das Américas, engrossando as fileiras de intelectuais de renome convertidos ao socialismo. Se Cuba foi — como disse — a sua estrada para Damasco, basta adicionar ao compromisso divulgador de raiz política o aparecimento de um público ávido da obra para entender como aquele escritor quase secreto começa a expor-se e entra (na opinião de alguns, foi esse o seu drama) no «campo literário». Em ambas as etapas é igualmente difícil seguir a pista das suas publicações: se é certo que, para documentar os anos do exílio provincial e a reclusão prática entre amigos em Buenos Aires e Paris, é necessário aceder a revistas de localização recôndita ou incerta, na fase de internacionalização da sua assinatura, a dispersão geográfica e linguística complica ainda mais a questão.

Por sorte, os fundos documentais que conservam os originais cortazarianos mais importantes estão localizados. Até 23 de Dezembro de 2006, os de maior relevância conhecida eram dois: a série de escritos vendida pelo próprio Cortázar à Universidade do Texas em Austin em 1982 e o conjunto de textos, rascunhos, notas e

agendas depositado na Universidade de Princeton no ano de 2001. Esta segunda colecção continha, supunha-se, os papéis do móvel lendário que, tal como o baú de Fernando Pessoa, Cortázar deixou aquando da sua morte: um armário — segundo contou Mario Muchnik, numa entrevista publicada na revista *Cambio 16* poucos meses após a morte do escritor — de um metro de largura e cheio de gavetas, uma espécie de móvel de plástico no qual havia bastante de tudo: romances e contos inéditos, recibos de electricidade, notas como «Era canhota de uma orelha». Desse móvel saíram os livros editados postumamente: *Dois jogos de palavras*, *Divertimento*, *O exame*, *A outra margem*, *Teoria do túnel*, *Diário de Andrés Fava*, *Imagem de John Keats*, *Caderno de Zihuatanejo*. O leitor coleccionador (e os de Cortázar são muitos) só tinha de esperar que os poucos textos dispersos que continuavam inéditos em volume se integrassem lacticamente nos interstícios reservados para esse efeito nos tomos genéricos das obras completas já que, sendo tão poucos, não se justificava a existência de um livro solto, mais um, apenas para eles. A não ser que...

*O tesouro da Praça do General Beuret*

Na antevéspera de Natal de 2006, perto da meia-noite e após três dias nada tristes a falar ininterruptamente — ela, sobretudo — da vida em geral e da vida dos Cortázar em particular, Aurora Bernárdez, a sua viúva, testamenteira e herdeira universal, disse na sua casa parisiense no XV bairro que tinha uma coisa, uns papelinhos aos quais eu certamente gostaria de dar uma vista de olhos. Descemos ao primeiro andar dessa casa alargada e estreita, que Vargas Llosa comparou, na sua primeira visita, quatro décadas atrás e para sempre na memória dos leitores, à figura do escritor; aproximou-se de uma cómoda (de uma fotografia numa estante, Alejandra Pizarnik sorria com malícia muito adequada à cena que

## JULIO CORTÁZAR

iria presenciar), abriu com esforço uma gaveta que, de tão cheia, resistia, tirou um punhado de folhas de vários tamanhos e cores e disse: «Alguma vez leste isto? E... isto? E este?». Na grande mesa de madeira na qual *Rayuela* foi escrita, pousou um monte de manuscritos e textos dactilografados originais, inéditos em livro, provavelmente inéditos absolutos. «Mas este texto foi conservado...?!» «Isso não é tudo», interrompia-me ela a cada instante. Repetiu o truque da gaveta transbordante cinco vezes. «Este artigo tens, este poema falta-te.» Temi que a cómoda tivesse fundo falso; vi, como num brinde de Macedonio Fernández que Cortázar citava, que me faltavam tantas páginas que, se me faltasse uma única mais, não caberia.

De madrugada, todo o andar estava empapelado de textos nunca publicados em livro. Como era possível que aquele tesouro não estivesse ordenado, classificado, inventariado, microfilmado? No dia da minha chegada tínhamos passado um bom bocado rindo com as histórias do simpático ratinho que todas as noites lhe roubava pão! E se era um roedor papirófago — disse eu a mim mesmo nessa altura —, um rato de biblioteca? «Como é que pode ter tudo isto aqui?», protestei. «Bom — », acabou ela por aceder, após um discurso temerário salpicado de sobreagudos que saía da minha boca com tanto entusiasmo que até a mim acabou por convencer —, « talvez sim; talvez tivesse chegado o momento de começar *verdadeiramente* a ordená-lo.»

*A atenção funciona como um pára-raios*

Um dos encantos indubitáveis de ler toda a obra de Cortázar é assistir, como que de uma janelinha da alcova, ao prodigioso acontecimento da formação de um grande escritor e ao seu posterior desenvolvimento. No famoso ensaio-entrevista «Cortázar ou a bofetada metafísica», Luis Harss, que o conheceu em 1964,

escrevia que «Cortázar não foi sempre o que é, e como chegou a sê-lo é um problema misterioso e desconcertante». Com efeito, a combinação indecifrável e maravilhosa de leituras, genética, intuição e azar que — como assinalava Chesterton, ao estudar o portentoso formativo de Dickens — produziu esse escritor, enigma ao qual teria de se adicionar o assombro acerca daquilo que o tipo faria depois era uma incógnita para Harss. Já concluído o ciclo biológico e encerrado também o ciclo de publicação dos livros póstumos de maior substância, assim como já fixado o contorno do itinerário vital e intelectual através da correspondência, temos uma ideia muito completa que dá resposta a essas interrogações; conhecemos os primeiros escritos e temos acesso a quase toda a obra. Para apresentar uma imagem ainda mais detalhada, restava apenas recuperar e editar conjuntamente os textos dispersos.

Até o fundo documental nas mãos de Aurora Bernárdez ser estudado em pormenor, não se previa o aparecimento de tantos textos inéditos ou dispersos que, somados a outras ervas encontradas ao extremar os cuidados («É sabido que toda a atenção funciona como um pára-raios», lê-se no *Último round*), dariam lugar a um novo volume, muito visível; este que o leitor, que tão gentilmente lê estas linhas, tem agora entre as mãos.

*O volume que o leitor tem entre as mãos*

Editar textos póstumos traz à memória de todos o episódio Kafka/Brod e as duas correntes de pensamento que se enfrentam a esse respeito: os «leitores-heróis» querem ler até os recados para o padeiro, ao passo que os «leitores-vinagreta» têm uma imagem fixa do escritor — que não frequentam necessariamente — e consideram uma traição à sua memória, e um abuso, darem-lhes mais leitura. (É verdade, já há tantas novidades imperdíveis... Nota mental do autor do prólogo: comprar outra cesta para os livros

## JULIO CORTÁZAR

pendentes.) Neste caso concreto, não há lugar para o debate porque o testamento de Cortázar atribui a Aurora Bernárdez, de uma forma muito clara, o poder de seleccionar e decidir, e assim o fez.

Perante a montanha, decidi suprimir, por exemplo, um ou outro discurso juvenil ou um ou outro texto reiterativo. Decidi também que não era necessário, para já, publicar os fragmentos conservados em cadernos ou em papéis soltos dado o seu interesse irregular: em geral, trata-se de projectos (rascunhos de contos e poemas, apontamentos para capítulos de *Rayuela* semelhantes aos do «Caderno de bitácula» que Ana María Barrenechea editou) ou anotações soltas que, por carecerem de um fio vertebral como em *Diário de Andrés Fava*, deveriam ser apresentados em edição crítica; projecto para outra ocasião dado que o presente volume já é muito heterogéneo, muito do género livro-almanaque de que Cortázar tanto gostava<sup>2</sup>.

No prólogo a *Imagem de John Keats*, Cortázar dizia que esse era

um livro de substâncias confusas, nunca alinhadas para contento do senhor professor, nunca catalogadas em minuciosos columbários alfabéticos. E de repente, sim, de repente ordenadíssimo quando disso se trata: também o bom romântico precisava de um método para pôr a gravata ao modo do dia.

Com essa ideia em mente, os textos foram agrupados em três blocos que obedecem a uma cronologia interna aproximada: poemas, prosas e auto-entrevistas, género talvez inventado por Truman Capote. Atendendo à sua quantidade e variedade, as prosas foram, por seu turno, reagrupadas por afinidades; assim, «Histórias», «Histórias de cronópios» e «De um tal Lucas» congregam a narrativa

---

2 O interesse das anotações fragmentárias é irregular, mas há algumas de uma graça indubitável como as recolhidas em «Lucas, os seus papelinhos soltos», presente nesta edição. Sirva a camuflagem da nota de rodapé para dar apenas mais um exemplo, ao qual não sei resistir: «Um bom soneto é uma máquina, e isto não tem nada de pejorativo porque até hoje nunca vi nenhuma boa máquina que fosse um soneto.»

breve, complementada com um capítulo que foi retirado de *Libro de Manuel*. Em «Momentos» e «Circunstâncias», por seu turno, são recolhidos textos «de emergência», enquanto em «Dos amigos» e em «Outros territórios» são concentrados os textos-palmada-nas-costas. Por último, «Fundos de gaveta» apresenta as páginas talvez mais inclassificáveis, incomparáveis até mesmo entre elas.

No rodapé de cada texto indica-se a primeira edição de que temos notícia; da mesma forma, no final de alguns textos cuja publicação desconhecemos, assinala-se como guia a data de redacção, certa ou aproximada, e o ano de escrita quando não coincide com o da sua publicação. As datas que aparecem sem parêntesis no fim dos textos foram escritas por Cortázar. Fica assim em aberto um novo campo de trabalho para colecionadores e minuciosos, semelhantes a nós, nossos irmãos. A eles dedicamos as seguintes curiosidades:

Aurora Bernárdez data o relato «Manuscrito encontrado ao pé de uma mão» por volta de 1955 porque foi nesse ano que conheceram a esposa de Ruggiero Ricci, o violinista com quem se inicia a história em jeito de *private joke*.

A versão que apresentamos de «Relato com um fundo de água», de 1941, provém do original de *A outra margem*, colecção editada postumamente sem qualquer referência ao conto. As variantes que o texto reescrito, aparecido na primeira edição em livro (*Final del juego*, Sudamericana, 1964), apresenta relativamente a esta versão primitiva revelam claramente a constituição do chamado «estilo cortazariano».

«Ciao, Verona» complementa e propõe uma versão alternativa ao relato «As faces da medalha» publicado em *Alguém que anda por aí* em 1977. Como escreveu Cortázar numa carta a Jaime Alazraki em Fevereiro de 1978, «foi tão duro de escrever como o outro».

## JULIO CORTÁZAR

Em carta a Paco Porrúa de 22 de Abril de 1961, Cortázar aceitava suprimir cinco histórias de cronópios e de famas. O estudo de um dos conjuntos originais permitiu recuperar dois desses títulos: «Vialidade», incrustada também numa carta inédita para Eduardo Jonquières de 30 de Julho de 1952, e «Never stop the press». Numa folha solta deparámo-nos com «Almoços», história da qual não tínhamos sequer notícia.

Alguns dos episódios protagonizados por Lucas que aqui recuperamos iam ser publicados por José Miguel Ullán, em 1977, num projecto que não foi levado a cabo. Encontramos anotações com títulos promissores para outras histórias do mesmo protagonista que supomos que não foram escritas: «Lucas, as suas cronometrias», «Lucas célebre», «Lucas solitário (cadeia de interrupções desde que amanhece)», «Lucas feio», «Lucas bonito», «Lucas engenheiro», «Lucas pintor», «Lucas, a sua sombra», «Lucas, o seu espelho», «Lucas, a sua utilização do tempo», «Lucas, os seus voos», «Lucas, as suas hospedeiras», «Lucas, os seus monólogos de amor I. Para Isabel», «Lucas, os seus monólogos de amor II. Para um menino pequeno (a inocência, o não-saber-ainda-o-teorema-de-Pitágoras)».

«Um capítulo suprimido de *Rayuela*» foi publicado como nota introdutória ao recuperado capítulo 126 que a *Revista Iberoamericana* publicou no número que dedicou ao autor em 1973. O texto foi reproduzido por Jaime Alazraki na sua edição de *Rayuela* na Biblioteca Ayacucho em 1980, e o capítulo em questão foi reproduzido noutras ocasiões (na edição da novela na Colección Arquivos e no volume III de *Obras completas*) sem essa nota.

A pedido de Italo Calvino, Cortázar publica na editora Einaudi em 1965, e com o título *Bestiário*, um volume em que inclui quase todos os seus contos, agrupados nas secções *Riti*, *Giochi* e *Passagi*. Em 1970, a Sudamericana publica num só volume (*Relatos*) todos

os que haviam aparecido em livro até à data e, em 1976, a Alianza Editorial apresenta-os em três volumes também chamados *Ritos, Jogos e Passagens*. Na segunda ordenação, por volta de 1983 e a pedido de Mario Muchnik — na altura director da Seix Barral —, Cortázar acrescenta uma segunda parte (*Aqui e agora*), redistribui os relatos aparecidos no ínterim nos livros *Alguém que anda por aí*, *Gostamos tanto de Glenda e Desoras* e escreve um texto de apresentação. Essa edição de luxo dos relatos completos num volume único não pôde ser levada a cabo. A reordenação apareceu postumamente também na Alianza, em quatro tomos e sem o prólogo que aqui apresentamos pela primeira vez como «Na hora de reunir a totalidade dos meus relatos para esta edição...».

No sábado, 5 de Novembro de 1938, o doutor Luis Gagliardi ofereceu na Intendência Municipal de Bolívar um recital Schumann-Chopin em benefício do refeitório escolar, com «comentários preliminares a cargo do Professor J. Florencio Cortázar». Reproduzimos aqui o comentário da primeira parte, «Para as *Kinderszenen* de Roberto Schumann»; o comentário da segunda, «Para obras de Frédéric Chopin», foi incluído no Volume VI das Obras Completas (*Obra crítica*).

«Três notas complementares» é um texto que encontramos entre os originais inéditos. É uma continuação do artigo «Os lobos dos homens» que apareceu na *Nova Política*, México, n.º 1, Janeiro-Março de 1976.

A propósito de «Novo itinerário cubano» convém recordar este fragmento de uma carta de Cortázar para Roberto Fernández Retamar de 29 de Outubro de 1976: «Talvez já tenhas lido no *El Sol* do México os dois textos que lhe dei depois do meu maravilhoso mês em Cuba. Creio que pus neles muito amor e muita objectividade ao mesmo tempo; embora, como é natural, já tenha ouvido

## JULIO CORTÁZAR

os rumores habituais: Cortázar vendido a Cuba, faz-lhe uma propaganda desafortada. Como bom argentino descomedido na fala, a minha resposta é cortês mas inequívoca: puta que os pariu.»

«Acerca das colaborações especiais» foi distribuído pela agência noticiosa EFE em Abril de 1979. Contra o prognóstico do autor que acusava o *El Mercurio* de pretender falsos exclusivos, o texto foi publicado no jornal chileno, com uma nota da Direcção que esclarecia que o exclusivo era apenas para o seu país e terminava assim: «Este afortunado escritor do freudo-marxismo não deveria continuar a ordenhar a quatro mãos o mundo capitalista que declara desprezar. A menos que, na verdade, como tantos suspeitam, seja um cronópio.»

«O estranho caso criminoso da rua Ocampo» é o texto que Cortázar leu numa reunião de amigos celebrada em Buenos Aires em 1957 como culminação de uma partida com que os tinha enganado. Os protagonistas do relato são, por ordem de aparição, Damián Bayón, Julio Cortázar, Aurora Bernárdez, David e Isabel Davidov, Guida Kágel, Eduardo Jonquières e María Rocchi de Jonquières, Dora e Celestino Berdichevski.

Encontrámos o texto «Há algum tempo que eu estava a senti-lo...» fotocopiado numa folha solta. Parece-nos indubitável que se trata da primeira página, em jeito de exercício de aquecimento, do rascunho do relato intitulado e não concluído que foi editado como «Bix Beiderbecke» no primeiro volume das Obras Completas (*Contos*) em 2003. O original está na colecção da Universidade de Princeton, em New Jersey.

Cortázar contou em *Salvo o crepúsculo* que por volta de 1956 tinha comprado um mimeógrafo num leilão da Unesco e que com essa copiadora manual fez pequenas edições privadas, «cópias

muito bonitas que eu afivelava com esmero e guardava num armário, razão pela qual quase ninguém soube da sua existência para além de um ou outro rato». Resgatámos alguns dos poemas que permaneciam inéditos de exemplares dessas edições.

«Os dias vão» testemunha a primeira viagem transatlântica de Cortázar adulto, em 1950, quando visitou Itália e França. Na viagem de ida, a bordo do *Conte Biancamano*, dedicou o poema a Jorge e Dorita Vila Ortiz, companheiros de travessia.

Para terminar, queremos agradecer a Margo Gutiérrez, bibliotecária-chefe das bibliotecas da Universidade do Texas em Austin, a cópia das histórias «A adaga e a flor-de-lis», «Os gatos» e «Manuscrito encontrado ao lado de uma mão», conservadas na *Nettie Lee Benson Latin American Collection*. Também queremos agradecer a Carmen Pérez de Arenaza e a Celia Martínez, da biblioteca Julio Cortázar da Fundação Juan March, em Madrid, e a Lola Álvarez, directora-geral da agência EFE, o envio de alguns textos que não conhecíamos. De um modo muito especial, segue o nosso maior agradecimento para Carmen Balcells, patrona incomparável desta empresa, sempre entre o entusiasmo e o alarido.

Cyril Connolly contou que o alívio da ansiedade que sente o bibliófilo quando encontra a sua presa o satisfaz mais do que qualquer outra coisa: só ao riscar um título da lista de buscas se consegue esquecer dele. Não sejamos tão optimistas nem demos este volume por encerrado; continuarão sem dúvida a aparecer textos inesperados porque, como escreveu Borges a propósito das versões homéricas, «edição definitiva» é um conceito que não corresponde senão à teologia ou ao cansaço.

CARLES ÁLVAREZ GARRIGA



# **PROSAS**



# HISTÓRIAS

## A ADAGA E A FLOR-DE-LIS. NOTAS PARA UM MEMORIAL

O correio que saiu ontem à tarde com a vénia do duque terá apresentado ao Executor uma relação superficial dos factos ocorridos na noite de sexta-feira, vinte e um do mês corrente. A dita relação, ditada por mim ao secretário Dellablanca, atendia a submeter à atenção do Executor os factos imediatos e as providências da primeira hora. A três dias do sucedido, regressados os espíritos a uma vigilância mais ponderada dos seus ânimos e humores, forçoso é prestar a devida conta das muitas reflexões, enredadas conjecturas e ânsias de verdade que, por tudo isso, ocorre. O Executor encontrará no que se segue devida memória de factos e legítimo exercício da razão sobre a substância dos mesmos, que trazem alterada a corte do duque e abrem os ouvidos da plebe aos mais sediciosos rumores.

O Executor não ignora no seu saber que o defunto agente Felipe Romero, natural de Cuna de Metán, de dezanove anos, solteiro, de estatura mediana, nariz recto, boca de lábios finos, queixo regular, sobranceiras negras, olhos azuis, cabelo louro encaracolado, barba feita, me assistia na delicada tarefa para a qual o Executor entendeu por bem designar-me. A discrição da camareira Carolina aplanou as dificuldades para que o agente Romero fosse admitido na qualidade de pajem na câmara da minha senhora, a duquesa; três meses e uma semana precedeu este officio a morte, tendo ganho confiança e estima dos seus senhores e tendo-as aproveitado sem minguia para penetrar nos enganosos silêncios do palácio onde a história cresce envolvida em veludo. Assim, o relatório elevado ao Executor a quinze de Maio, contendo a folha de ordens daqueles que conspiram contra o Palácio, procedia tanto da diligência e do afã do agente Romero, sagazmente ajudado pela camareira Carolina, como

dos meus próprios espões, que o Executor teve a bondade de elogiar noutras oportunidades. Dos agentes designados para a missão a meu cargo, o defunto Romero sobressaía por méritos próprios, que a sua extremada juventude recatava a olhos que medem saber por rugas ou trocam respeito por historiais. O seu donaire valia-lhe voltas de chaves e abandono de receios; assim a minha senhora, a duquesa, teve de o agraciar gentilmente com encargos e diligências, cedendo nele labores atinentes a outros criados da sua câmara, mais remissos ou desabridos. De cada uma daquelas mercês (que tais são as ordens nos lábios de minha senhora, a duquesa) teve o agente Romero de extrair proveito para a investigação, fazendo-me chegar notícias e presunções que a seu tempo o Executor recebeu, oportunamente peneiradas e glosadas.

Os feitos da noite de sexta-feira conhece-os em substância o Executor. Achou-se o corpo de Felipe Romero na galeria coberta que conduz, vindo da poterna norte, às salas de armas e câmaras do duque. Coube à camareira Carolina descobri-lo, com o que perdeu os sentidos e desmaiou sobre o sangue brotado da garganta do finado. Digo finado, ainda que certas revelações que o Executor considerará mais tarde permitam supor uma agonia prolongada, uma morte cheia de delicadeza como correspondia ao ser na qual se exercia.

Recobrada a camareira, gritou e vieram com luzes e visto foi o feito. Eu cheguei pouco mais tarde e o morto era Felipe Romero. Vestia a vítima o seu gibão verde de pajem, as suas faixas bicolors, o seu gorro de pluma solta. Por baixo do queixo, entrava-lhe uma adaga fina como uma áspide, de cabo com rubis, subindo o seu fio temperado para perfurar a língua e os paladares, passando-lhe para a caixa do cérebro para acabar a sua corrida no próprio recinto do pensar e do recordar. O morto jazia de costas, encolhidas de lado as pernas e em cruz os braços, crispados os dedos para baixo como se tentasse agarrar-se ao chão. Quando lhe tirei a adaga enquanto homens lhe seguravam a cabeça, virou-se o resto do sangue sobre a

## JULIO CORTÁZAR

arma e o peito, não faltando quem dissesse que as mãos se haviam movido uma vez.

Eu reparei no que havia que ver e fiz o que quadrava, e já então acorria o duque com a gente de dentro. Disse-lhe que era um pajem, para não o nomear e adentrar na sua inteligência a suspeita de que era afecto, e ele ordenou que aproximassem as luzes e esteve a olhar para o morto, que também o olhava sem o ver, e olhava para mim. Um arqueiro baixou-lhe as pálpebras e o duque pediu a adaga para imaginar a ferida. Respondi-lhe que a arma era já da justiça e ele disse: «Justiça é estranha palavra, mas talvez duplamente a mereça essa lâmina.» E como eu esperara, pois do esperar muito tenho aprendido, fixou-se na ferida e murmurou: «Empalado o fizeram.» «Senhor, por baixo se empala», disse. E ele: «Não esqueça o Investigador como o siso e a língua são por vezes saco de imundície e uma adaga neles mais justa do que as lanças do turco.» Então acrescentou que era uma brincadeira, que o maravilhava ferida tão peregrina sendo que em muitas batalhas jamais vira soldado apunhalado pela barba. Discutiram os outros e eu aduzi sem insistir que adaga italiana é arma subtil e que escapa da mão ao inimigo e entra por qualquer parte como chuva fina.

Quando ordenava a um alabardeiro que ficasse junto do cadáver e regressávamos à câmara maior do duque, ouviram-se clamores nos aposentos da ala menor do palácio, ergueram-se luzes e por averiguação de criados soubemos que a duquesa era inteirada do sucesso e basto condoída. «Favor tinha o pajem», proferiu repentinamente o duque, torcendo o gesto. «Cuide o Investigador de que seja removido o morto e poupada minha mulher a vê-lo entre tanto sangue.» Prometi que o faria apenas acabadas as minhas providências, e aguardei outras palavras. Voltou-se o duque para os seus dados, que alternava com o capelão e ensimesmou-se sem esforço. Eu pedi duas luzes e regressei para junto de Felipe.

Repare o Executor que a noite era sem lua e oprimida de trevas a galeria. Podiam ter morto Felipe sem lhe dar tempo para ver

chegar o golpe, e ele próprio, andando pelo local, não oferecia mais alvo do que uma sombra entre outras. Assombra-me o certo do golpe, ali onde um erro de nada teria embainhado a adaga no ar, alertando o atacado. O Executor saberá quão arriscado é golpear no magro espaço que há entre os maxilares e o nascimento do pescoço e que o assentir da cabeça escassamente oculta. Em criança entendia-me com os meus irmãos na arte de montaria, sendo frequente experimentarmos a vista e a sorte em ferir o javali atingido-o em lugar convindo. E porque cheguei a fazê-lo como me apetecia, sei do repetido trabalho que requer.

Despedidos o alabardeiro e os criados, fixados os archotes às anilhas da parede, baixei-me para ver com os olhos o que antes vira com os pulsos. Saiba o Executor que esta memória nasce da reflexão e do debate em horas subtraídas ao mundo palaciano, fixo o entendimento na sorte do agente Romero, nos azares ou conjunções que fizeram dele um cadáver que para mim guardava uma última palavra. Saiba o Executor que a palavra era uma flor-de-lis, traçada pela sua mão direita no mármore onde o sangue uma vez mais fez de tinta para a história.

Juntei a flor do duque e o lugar, medi-os sem parcialidade nem favor, e vi o que estou a dizer. Se bem que o agente Romero não fosse estranho às câmaras do duque, o seu lugar estava além, junto à sua senhora e ama, e ainda mais de noite antes da retirada dos séquitos e dos assistentes, por ser hora de últimas ordens e disposições. Soube a vítima que morria, encharcou-se no seu sangue, conseguiu traçar a flor-de-lis na treva, com o último calor da sua mão direita. E eu fui o primeiro a vê-la, como ele terá esperado, e eu a apaguei ao baixar-me para desembainhar o punhal antes que o duque assomasse.

Digo que morto foi o agente Romero em quartéis que assinalam o executor; atraído por avessa ordem ou convite gentil, veio aos aposentos do duque e não conseguiu chegar; soube do seu matador por lume de estrelas ou murmúrio de vingança, e nomeou-o pelo

## JULIO CORTÁZAR

seu nome figurado. Duas razões teve o assassino para matar ou fazer matar Felipe: o favor da duquesa, manifesto em caçadas e jogos cortesões, e a suspeita de que estava a meu serviço reunindo vozes e sinais da conjura contra o Palácio. Da primeira razão dão fé os clamores da sua ama e o escárnio do duque para com o cadáver; da segunda cabe-me medir a força pelo meu próprio labor ameaçado, a minha hora que quiçá por outra galeria vem. A ambas reúno para apontar a culpa do duque e encarecer as prontas decisões do Palácio, ao qual este sangue distante mostrará a iminência de um golpe mais universal, a rebelião latente que este crime embuça e fortifica.

Separei-me de Felipe para visitar as câmaras da duquesa, onde as luzes não cediam; deparei com as camareiras desasadas, descoloridos os pajens do lavatório, caídas as peças do jogo que a minha senhora havia jogado enquanto tangiam as guitarras da recreação. Aproximou-se a camareira Carolina, fingindo maior desânimo do que as outras. Disse-me que a duquesa guardava o leito, com luzes vizinhas e o cuidado da ama; recordou que havia jogado até ao toque de relevo e pedido depois licença ao seu contendente, que o era o confiscador Ignacio, para contemplar a carta do céu procurando conjurações vaticinadas pelo seu astrólogo. Ao seu regresso, que o foi sem luzes para melhor ver as estrelas, queixou-se de uma interposta nuvem e do relento. Para não descuidar coisa alguma, ordenei à camareira que fosse reparar na sua ama sem ser vista e trouxe-me conta do seu olvidado semblante, do seu repouso nos braços da ama, que com os arrulhos da infância resgatara o sorriso no rosto da minha senhora. Dispensei Carolina para melhor pensar e estive a mover as peças do jogo, encontrando mais simples os seus muitos azares do que o já acabado com o seu bispo caído à beira do tabuleiro. E pelo bispo entendi senhor, e também a fadiga e a tristeza trouxeram-me a imagem dos dois conversando no pátio de armas, a mão direita do duque apoiada no ombro de Felipe, condescendência do grande que ergue assim o pequeno para se salvar do ócio um breve instante. Também me vem à memória a volta das justas no dia

de São José, em que se feriu o duque no braço por desafortunado lance e segurando Felipe as bridas do cavalo para não o deixar sofrer. Assim dado a fantasmas, alcei a adaga para interrogar a sua forma logo me admirando o escárnio do duque de pé diante do morto, debatendo se não protegeria um nome que na sua mente se erguia, ou se entendia calar com o seu carrancudo semblante as recordações alheias nas quais a sua mão voltava a pousar no gibão do pajem ou se quedavam os seus olhos postos no cabelo que de tão louro devorava o sol dos terraços. Árdua tarefa, a de matar rumores; acoitam-se nas colgaduras e dosséis, erguendo-se as suas figuras por detrás das pálpabras; e os grandes sabem do seu assédio sem pena.

Assim, vi-me levado a passar de uma reflexão para a sombra que a adaga declinava no tabuleiro; e de olhar para o jogo da minha senhora a duquesa, truncado pelas notícias de fora, nasceu em mim o meditar na ferida pouco habitual do agente Romero, delatora talvez de uma mão aplicada a labores menos graves. E mais tarde, debatendo-me interiormente com este imóvel alterar-se das peças no tabuleiro, dei a mim próprio o exemplo de Judith e de tanta vingadora que nos corredores do tempo repete uma e mil vezes o seu feito para maravilha de homens e livros. Vi verter-se sangue no tabuleiro, a forma de uma flor-de-lis sob uns dedos arranhando o mármore, e a flor-de-lis é flor ducal e mostra aquilo que o Executor estará a ver comigo. Fingiu do Duque, soube verdade; se cobrisse com o seu ardil o brilho de passadas justas, protegeria também dolorosamente a quem dele em Felipe se vingava; salvava-se a si mesmo salvando o homicida. E veja o Executor isto que apenas se acrescenta: ninguém morrendo de tal ferida, espumando sangue com a partida língua, poderia nas trevas achar conselho de si mesmo e delatar o seu assassino por desenho de flor-de-lis. Baixando-se para beber dessa inflamada agonia, a matadora urdiu as pétalas a que o olhar dos outros chamaria duque. Inocente é este, ainda que encoberidor involuntário. E a duquesa deve ser prontamente arrancada desse sorriso que do sono lhe traz a vingança cumprida.

## JULIO CORTÁZAR

Para que o Executor tenha a máquina integral de tão confuso acontecer, estive depois na câmara do médico onde jazia o despojo do agente Romero. À luz dos archotes vi-o nu pela primeira e última vez na alta mesa do cirurgião; partiu o médico e ficámos sós. Porque haveria de me recusar ao testemunho de quem, pelo menos na aparência, soube escrever depois de morto? Junto o meu rosto ao rosto de Felipe, procurei nos seus olhos outra vez misteriosamente abertos a imagem da verdade, um zodíaco de nomes no seu mortício céu azul velado. Vi os seus lábios onde o sangue secava como um selo de clausura, em vão perguntei ao mármore da sua orelha contra o qual o som batia e caía. Mas de tanta negação tive de ver em Felipe uma resposta, um afirmar-se a si mesmo como resposta, um responder o seu próprio corpo pelo nome, um horrível nome invasor e tirânico. Como se de repente, pela ponte dos rostos contíguos, pudesse ele pensar com o meu pensamento, ser eu mesmo na revelação instantânea. E ouvi o seu nome dito tantas vezes, o seu nome repetido, somente o seu nome. Apelei à reflexão, tapando os olhos, mas depois vi a ferida do queixo e lembrei-me do grande Ajax, daqueles que se matam cabalmente, se atiram sobre uma arma. Sustendo-a com ambas as mãos, escusado de a ver pela sombra e a postura, bastou-lhe empurrar uma só vez enquanto afundava a cabeça no peito, e o resto foi dor e confusão agónica. Com as mesmas mãos que haviam segurado a brida do cavalo do duque no regresso das justas se matou Felipe, sei-o de repente como se sabe que o dia chegou ou que o vinho da alvorada cheirava a violetas. E digo ao Executor que sabendo escuso, embora o escusar me arraste amanhã na queda do agente Romero. Escuso uma morte às cegas, um dar-se o silêncio através da língua; meço, como medi junto ao frio cadáver nu de Felipe, a sua abominável coragem na hora da decisão. Creio que levava na inteligência as chaves e as provas da conjura do duque contra o Palácio, e que não foi capaz de o atraiçoar depois do brilho das justas e do prestígio de favores que imagino. Fiel até essa noite ao Executor e a mim, acossado por uma

divisão que o duro olhar dos seus olhos resumia, refugiou-se na morte como o menino que era. Inocentes resultam os duques, discretos esperam da minha discrição o fim de uma confusa tarefa que para mim ainda dura, depois de ter finalmente fechado os olhos de Felipe, vesti-o com a minha roupa do Palácio, pu-lo no féretro de ébano sem ferragens nem figuras e na madrugada de domingo deixei entrar a luz e os criados que o levaram para uma fossa aberta em segredo. Se o Executor o ordenar, saberá onde está enterrado sem nome nem sentença: era uma criatura maligna e bela, é bom quiçá que tenha desaparecido quando deixava de me ser afecto.

Para além do relatado, acrescento que na tarde de domingo me fez chamar o duque para me pedir a adaga. Isto aconteceu depois de eu o ter avisado de que a investigação ia ser encerrada sem demora por falta de provas materiais, e que o meu relatório para o Palácio sustentaria que o agente Romero se havia suicidado. O duque voltou a pedir-me a adaga, que eu trazia limpa e embainhada para não a entregar a ninguém. Recusei atentamente e até lhe disse: «Como poderei entregar uma arma que pertence à justiça?» Empalideceu de coragem e disse algo como que as coisas estavam muito turvas e que ele se ia ocupar pessoalmente de averiguar a procedência da arma. Quando eu estava prestes a partir, acrescentou: «Nunca vi esta adaga a Felipe Romero.» Não sei porquê, tanta segurança no inventário enfureceu-me. Qualquer um pode saber que a adaga não era de Felipe, e até averiguar de que bainha saiu para o matar. Não é apenas o duque que o sabe; mas também não é obrigação que um homem se mate com a sua própria adaga. Para a adaga e para a flor-de-lis, podem pensar-se muitos donos. Todos sabemos ferir e todos podemos desenhar três pétalas com sangue. O que creio é que o duque está a começar a mostrar aquilo que na noite de sexta-feira encobria com o seu engano. Dói-lhe Felipe, doo-lhe eu, doemo-nos ambos sem nos olharmos. Eu, porém, digo-lhe: Porque é que um duque, esse homem de reis, se impacienta com

## JULIO CORTÁZAR

uma morte sem importância? Impacienta-se porque essa morte está cheia de importância, porque atrás dela vem a duquesa e venho eu, sobretudo venho eu. A mim parece-me que por trás disso venho eu para o duque. Então força a situação, fala de encontrar o dono da arma para lançar suspeitas sobre esse pobre homem a quem talvez Felipe a tenha tirado em segredo para se matar.

E, se o duque força a situação e procura um suposto culpado, é porque se quer proteger ou proteger a duquesa; a verdade é que esse cão está a tentar lançar o fardo a outro, e fá-lo pela rameira da sua mulher ou por si próprio. É evidente que é culpado, que matou Felipe, e que Felipe desenhou a flor-de-lis enquanto morria, com a última força da sua pobre mão desenhou a flor-de-lis para que eu a visse e reclamasse o castigo do duque, ou da duquesa ou de ambos, da ama de Felipe e do amo de Felipe: o castigo e a morte de ambos imediatamente.